



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

O DISCURSO DAS ROUPAS: UMA ANÁLISE ACERCA DO *ETHOS* TRANSMITIDO PELAS ROUPAS DOS PERSONAGENS DO EPISÓDIO “*NOSEDIVE*”, DA SÉRIE *BLACK MIRROR*

The clothes' discourse: an analysis of the ethos transmitted by the characters' clothes from the Black Mirror TV series episode Nosedive.

Kelly F. Mayrink Drumond¹

RESUMO

Manifesta-se pela escolha das roupas a tendência para pertencer, ou querer ser considerado como pertencente, a uma determinada categoria ou tipologia social. No episódio “*Nosedive*” (Queda Livre), exibido na série britânica *Black Mirror*, a indumentária se apresenta dotada de intencionalidades comunicativas. Trata-se da construção de uma autoimagem, uma encenação da imagem do enunciador. Partindo dos dispositivos teóricos da Análise do Discurso, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a prática discursiva não verbal intrínseca às roupas e investigar o *ethos* transmitido pelos personagens do episódio acima citado. A análise será feita considerando, principalmente, os postulados de Amossy (2008) e Maingueneau (2008, 2011).

Palavras-chave: *Ethos*; Roupas; *Nosedive*; *Black Mirror*

ABSTRACT

It is manifested through the choice of clothing the tendency to belong to a particular social category or typology, as well as the desire to be associated with them. In Black Mirror's 'Nosedive' episode, a British series, the attire presents itself endowed of communicative intentionalities. It depicts the construction of a self-concept, an illustration of the enunciator's image. Making use of the theoretical dispositives from Discourse Analysis, the goal of this paper is to reflect on the non-verbal discursive practice intrinsic to the clothing and investigate the ethos transmitted by the characters of the aforementioned episode. The analysis will be carried out considering, principally, the Amossy's (2008) and Maingueneau's (2008, 2011) postulates.

Keywords: *Ethos*; Clothes; *Nosedive*; *Black Mirror*

¹ Mestra do Programa Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6320-3831>; e-mail: kellymayrinkbh@gmail.com

1. Introdução

Percebida como um dos fenômenos sociais mais importantes dos tempos modernos, a moda se pauta pela necessidade de “passar a imagem de”, afirmando ou desconstruindo discursos preexistentes, sendo uma das formas mais eficazes para captar as motivações socioeconômicas e culturais das pessoas (LIPOVETSKY, 2001).

Por meio de uma materialidade linguística não verbal, as roupas extrapolam sua funcionalidade primária de proteção do corpo e englobam, também, questões de valoração subjetiva. Os códigos indumentários são ressemantizados, podendo afirmar ou desconstruir discursos existentes, sendo uma das formas mais eficazes de captar as motivações socioeconômicas e culturais das pessoas.

Identifica-se, assim, a existência de uma associação entre a identidade da pessoa e seu modo de vestir. No suporte do corpo do usuário, a vestimenta aparece como uma das principais formas de discurso de personalidade e comportamentos sociais, no sentido de que aquilo que é usado externaliza o que é intrínseco ao sujeito. Dessa maneira, a contribuição que o presente artigo procura trazer é um olhar quanto à aceitação social que as roupas podem provocar, principalmente quando consideramos que o vestuário e o modo de se vestir estão diretamente relacionados ao alto nível de segregação social².

Para refletir sobre maneira como a indumentária se apresenta dotada de intencionalidades comunicativas, o episódio “*Nosedive*”, da série *Black Mirror*, proporciona ricas possibilidades de análise. *Queda Livre*, título em português do episódio, conta com a direção de Joe Wright, enredo por Michael Schur e Rashida Jones, e Bryce Dallas Howard como protagonista. Com duração de 63 minutos, o episódio é o primeiro da terceira temporada da série criada por Charlie Brooker, aclamada pelo público e pela crítica desde o seu lançamento, e que se destacou no cenário televisivo por provocar reflexões sobre temas controversos que perpassam a sociedade moderna.

Os episódios de *Black Mirror* são autônomos e apresentam-se como projeções de um futuro em que realmente poderíamos habitar, segundo artigo do *The New York Times*³. Distribuídos em cinco temporadas (2011, 2013, 2016, 2017 e 2019), 21 enredos constituem atualmente a série, com durações variadas de 40 a

² Segundo Lipovetsky (2001, p. 200), “[...] a moda reproduz segregação social e cultural, participa da mitologia moderna mascarando uma igualdade que não pode ser encontrada”.

³ ‘Black Mirror’ and the Horrors and Delights of Technology. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2015/02/01/magazine/black-mirror-and-the-horrors-and-delights-of-technology.html>>. Acesso em 12 janeiro 2020.

90 minutos cada, que não precisam ser assistidos em sequência. Cada episódio conta com trama, produção e elencos próprios.

Chegamos, então, ao tema principal deste estudo. A partir da ficcionalização de uma sociedade totalmente baseada em um sistema de pontuação, esse artigo propõe identificar a intencionalidade discursiva presente nas roupas da protagonista e dos antagonistas, partindo da noção de *ethos*, considerando, principalmente, os postulados de Amossy (2008) e Maingueneau (2008, 2011).

Quanto aos aspectos investigativos mais específicos, o objetivo geral deste artigo consiste na análise, por meio da comunicação imagética e projeção etótica, das indumentárias dos personagens do episódio “*Nosedive*” (Queda Livre). Como estrutura geral do trabalho temos, na primeira seção, um panorama quanto aos aspectos ligados à construção da imagem de si. Para isso, foram retratados alguns conceitos essenciais quanto às estratégias de um enunciador que conduz o discurso com o intuito de sugerir uma determinada identidade, o que se convencionou chamar de *ethos*. Em seguida, serão apresentados os possíveis *ethé* inferidos através das roupas dos personagens do episódio supracitado, a partir de recortes que buscaram abarcar toda a trama.

2. Pressupostos teóricos e metodológicos

Roland Barthes (2009) afirma que o ato de vestir é cuidadosamente codificado e ninguém se veste impunemente. Há que se considerar que a escolha de uma composição indumentária é essencialmente intencional e destinada a uma leitura pública. Segundo Oliveira (2007, p. 35), nada em um texto de moda é imune à produção de sentido. Em outras palavras, “[...] tudo significa, a despeito da intencionalidade de seu autor”.

O discurso das roupas pressupõe a construção de uma imagem, de um autorretrato daqueles que estão envolvidos no ato de comunicação. A construção dessa imagem de si, a partir das estratégias de um enunciador que conduz o discurso com o intuito de sugerir, por meio dele, uma determinada identidade, convencionou-se chamar de *ethos*, termo emprestado da retórica antiga.

Considerando que a noção tradicional de *ethos* “[...] recobre não somente a dimensão vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador”, como contextualiza Maingueneau (2005, p. 72), essa construção de autoimagem se dá também por intermédio das roupas. A corporalidade atribuída a um fiador⁴ também acontece por meio da

⁴ Para caracterizar a noção de fiador, Maingueneau (2004; 2008) apresenta-o como uma instância subjetiva, que desempenha o papel de afiançar o que é dito, construída pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação, e não corresponde necessariamente ao enunciador efetivo. Além da dimensão vocal, o leitor constrói também a personagem do enunciador, a partir do conjunto de determinações psíquicas (caráter) e físicas (corporalidade) ligadas às representações coletivas estereotípicas.

maneira de se vestir.

De acordo com Amossy (2008), o orador tem a capacidade de se adaptar a seu auditório, de fazer uma imagem dele e, correlativamente, de construir uma imagem confiável/favorável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem/veem. Tal estratégia é claramente adotada na construção de composições vestimentárias, em que o discurso das roupas é fabricado e adequado levando-se em conta os padrões socioculturais vigentes. Tais padrões podem se referir a ocasião e eventos, ao clima, ao local ao qual se dirige, tendo o enunciador a finalidade de torná-lo apropriado, aceitável e agradável, de forma a produzir sentido e, assim, interagir com o outro, de acordo com uma disposição prévia do auditório para assimilar, concordar, se identificar, ou não, com o estilo ou posicionamento enunciado.

Essa “gestão do *ethos*” pode ser percebida quando analisamos as indumentárias de Lacie Pound, protagonista do episódio *Nosedive*, da série *Black Mirror*, e dos demais personagens da trama. Entendendo os figurinos como um recurso comunicativo, um elemento transmissor de informação, procuramos lançar um olhar sobre a indumentária da protagonista e dos antagonistas, a partir do seu caráter simbólico e das suas possibilidades de significação⁵. Essa construção se dá por símbolos, cores, texturas, volumes e proporções que, organizados na forma de um vestuário, formam um discurso narrativo. De acordo com Umberto Eco (1982, p.17), temos que:

A linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para transmitir.

Na próxima seção, daremos prosseguimento ao artigo com a reflexão sobre a prática discursiva não verbal intrínseca às roupas e a identificação dos possíveis *ethé* transmitidos pelas indumentárias dos personagens, fundamentados no desdobramento dos pressupostos teóricos indicados nesta seção.

3. “*Nosedive*”: *ethos* transmitido pelas roupas

Lacie Pound vive em um universo obcecado por aceitação, em uma sociedade que avalia a reputação por meio de estrelas. Quanto melhor a sua avaliação, maior o seu prestígio social. Em um meio completamente idealizado e impecável, os personagens se pautam pela busca incansável da perfeição, visando sempre a manutenção ou o aumento de suas pontuações, o que, por sua vez, propicia

⁵ Representação mental relacionada a uma forma linguística (um sinal, um conjunto de sinais, um fato, um gesto, etc.); aquilo que um signo quer dizer; acepção, sentido, significado.

“privilégios” sociais variados, incluindo acesso a salas *VIP*, realocações em voos, descontos em alugueis de carros e casas e até mesmo a permanência em seu próprio emprego. Assim se desenrola o enredo de *Nosedive*, episódio que integra a terceira temporada da série britânica *Black Mirror*.

Queda Livre, título em português do episódio, apresenta um mundo distópico, construído por meio de um sistema avaliador de pessoas que faz com que seu “*score*” nas mídias sociais seja um determinante para o seu papel na sociedade como um todo.

Em *Nosedive*, todas as conversas e demais interações pessoais, tradicionalmente inseridas em uma economia invisível de trocas simbólicas, ganham materialidade em um sistema de avaliações instantâneas por celular, que são computadas para gerar notas para cada indivíduo. Como mencionado, as notas afetam não apenas as relações sociais, mas também as possibilidades de acesso a trabalho e a serviços básicos. (BEZERRA, 2011, p. 6)

O cotidiano dos personagens, construído por cabelos e roupas impecavelmente arrumados e em tons leves, ressalta os esforços para a construção de uma “imagem de si” aceitável para os demais. A esta construção, pode-se atribuir o conceito de *ethos*, uma estratégia de persuasão articulada pelo filósofo Aristóteles, que pretende apreender traços identitários do sujeito comunicante.



Figura 1: Print screen de cena do episódio (BROOKER, 2016).

Conforme explicita Ruth Amossy, em seu livro “Imagens de Si no Discurso: a construção do *ethos*”, é desnecessário que o locutor fale explicitamente as suas qualidades. No momento do discurso, fatores além da oralidade, como o estilo, os gestos, os trajés, são consideráveis para evocar representações de uma pessoa. Tratam-se dos indícios sobre o “eu”, os quais são suficientes para criar uma representação de si. Este processo, por seu turno, é nomeado como *ethos* pré-discursivo, segundo Amossy (2008). Em sinergia, Maingueneau (2006) evidencia que:

[...] Tom de voz, modulação da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, etc. são outros tantos signos, elocutórios e oratórios, vestimentais e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica. (DECLERCQ, 1992, apud MAINGUENEAU, 2006, p. 56 e 57)

Esses elementos remetem a dimensão de corporalidade que, para Maingueneau (2008), apoia-se no conjunto das representações sociais, dos estereótipos que circulam em uma dada comunidade. Assim, o autor admite um ponto de vista pré-discursivo do *ethos*, que funciona como uma ancoragem do discurso em termos de interdiscurso: “De fato, a noção tradicional de *ethos* recobre não somente a dimensão vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador” (MAINGUENEAU, 2008, p.72).

Em consonância a esse pensamento, Fiorindo (2012) elucida que a noção do *ethos* na Retórica mobiliza características extradiscursivas permitindo, assim, que oradores utilizem de atributos físicos como roupas, mímicas e feições, entre outras estratégias, com o objetivo de construir uma autoimagem positiva.

As vestimentas e acessórios dos personagens de *Nosedive* se apresentam como direcionadores interpretantes, elencando seus significados. Essa construção da autoimagem, que ocorre por intermédio das roupas, permite a construção de uma imagem prévia do sujeito comunicante, a qual circula no seu grupo social, caracterizada, conforme teoria citada acima, como *ethos* pré-discursivo.

Neste contexto, no episódio, a paleta cromática das vestimentas dos personagens é apontada como um indicador central quanto à (re)construção de autorretratos discursivos. As cores neutras e os tons pastéis propiciam a análise sobre a ideação de um possível *ethos*, fiador das ideologias sociais do qual fazem parte, visto que a busca incessante pela aceitação/*likes* exige uma estética “perfeita”, sem sobressaltos visuais.



Figura 2: Print screen de cena do episódio (BROOKER, 2016).

A protagonista Lacie abusa dos tons rosados e acessórios minimalistas, que propiciam a ela um aspecto visual suave e delicado. Por essa antecipação de imagem através da corporalidade, pode-se relacionar os *ethé* de felicidade e satisfação à Lacie Pound.

No universo *candy-color* pelo qual transita, a protagonista relaciona-se com outros personagens que seguem exatamente o seu padrão estético. No escritório, em um café ou no aeroporto, as pessoas artificialmente gentis, adeptas de uma simulação e de um *ethos* fabricado, transformam seus figurinos em uma espécie de máscara que busca entrecruzar a fabulação e a harmonia em projeções etóticas de confiabilidade e estabilidade.



Figura 3: Print screen de cena do episódio (BROOKER, 2016).

Resgatando a Retórica de Aristóteles (Maingueneau, 2011), identifica-se duas das qualidades apontadas pelo pensador para a construção de uma imagem positiva de si mesmo. A primeira refere-se a “virtude”, uma disposição de caráter relacionada ao agir bem. A segunda refere-se à “benevolência”, com seus graus variáveis de piedade e indignação. Estes atributos estão presentes nos discursos não verbais dos personagens do episódio, apagados de traços de subjetividades pessoais e que, coletivamente, projetam os *ethé* de harmonia e contentamento.

Em determinado momento do episódio, Lacie busca uma consultoria para alavancar sua pontuação. Seu *coach* também faz uso da indumentária como um artifício discursivo não verbal. Em sua posição estratégica, o personagem legitima seu *ethos* de especialista, levando-nos aos preceitos de Charaudeau (2008, p.79), os quais afirmam que o sujeito político “deve se mostrar crível e persuadir o maior número de indivíduos de que ele partilha certos valores”.



Figura 4: Print screen de cena do episódio (BROOKER, 2016).

No decorrer da narrativa, Lacie articula a retomada de relação com Naomi, uma amiga de infância, que tem uma classificação alta nessa sociedade. Essa personagem personifica as projeções éticas de sucesso e realização, em face do imenso anel de brilhantes que ostenta ao convidar a protagonista para o seu casamento.

Adicionalmente, personagens vestidos como *cosplayers* reforçam a funcionalidade das roupas como indicadores que permitem, segundo Heine (2009, p.64), que “co-enunciadores, baseados em estereótipos estabelecidos socialmente, atribuem aos enunciadores determinadas características e não outras”. Esse grupo, com vestuário, maquiagens e acessórios de características particulares, preconiza as noções de simulacro e *geeks* (afins com tecnologia e futurismo).



Figura 5: Print screen de cena do episódio (BROOKER, 2016).

Lacie, que enxerga no grupo uma oportunidade de alcançar seu objetivo de chegar ao casamento de Naomi, decide se passar por fã, mesmo não estando a caráter, para conseguir uma carona até o trajeto desejado. Isso nos remete aos postulados de Aristóteles (Amossy, 2008), que situam o *ethos* no campo do verossímil. A construção da autoimagem não necessita ser real, mas precisa ser crível. Trata-se da encenação da imagem do enunciador, a qual propícia ao público-receptor o reconhecimento, alterando o grau de confiança que lhe é atribuído. No enredo, esse autorretrato foi desconstruído.

O destino da protagonista também se cruza com o da motorista de caminhão, Susan, personagem não afeita ao jogo de aparências do episódio. Mergulhados nos imaginários populares por sua baixa pontuação, os trajés de Susan reforçam o domínio persuasivos das roupas. Sua estética, composta por tons acinzentados - pouco romantizados - e bagunçados cabelos grisalhos, projetam um *ethos* prévio de pouca confiabilidade, associando-a a más ações e julgamentos negativos.



Figura 6: Print screen de cena do episódio (BROOKER, 2016).

Tal estereótipo chega a ser desconstruído pelo *ethos* discursivo da personagem ao longo da narrativa. Essa correlação entre o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo é articulada pelo linguista Patrick Charaudeau que explica que o enunciador “aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si” (Charaudeau, 2008, p.115).

O desfecho de *Nosedive* se dá com a chegada da protagonista ao casamento da amiga. Num cenário de conto de fadas, com madrinhas trajando rosa-suave e padrinhos azul-claro, Lacie aparece com sua harmonia estética desconstruída. O vestido sujo e rasgado, a maquiagem borrada e os cabelos desarrumados projetam *ethé* de decadência, desequilíbrio e desarmonia. As reações intensas naturais dos seres humanos -

como raiva, tristeza e revolta – tornam Lacie impopular na mídia social dismantlando a imagem perfeita de si.



Figura 7: Composição print screen de cenas do episódio (BROOKER, 2016).

4. Considerações finais

A construção de um *ethos* não pode ser concebida apenas como vinculada a atos de comunicação exclusivamente orais, como fez pensar a retórica clássica. A roupa faz parte de um posicionamento enunciativo, construindo uma imagem discursiva de si ancorada a estereótipos de uma determinada cultura.

A corporalidade atribuída a um enunciador se manifesta através do vestuário, onde, para Maingueneau, “a leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (Maingueneau, 2005, p.98).

Os figurinos impecáveis, de tons suaves, o cabelo organizado e sorrisos ensaiados no espelho pelos personagens de *Nosedive* fazem parte de uma construção imagética persuasiva, uma alquimia complexa da busca por se projetar positivamente ao olhar do outro. Para Charaudeau (2008), ela é “feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais” (Charaudeau, 2008, p.137).

Assim, atestamos a hipótese de que o discurso não verbal percebido nas roupas dos personagens de *Nosedive* trata de uma escolha constitutiva de sentidos e repleta de valores e virtudes, construídos por meio de imaginários. Com esse percurso de análise, conclui-se que a representação imagética das roupas faz parte do comportamento dos atores políticos que buscam, em função da construção de um reflexo de si, inferir um *ethos* eficaz aos seus interesses. Uma sátira sobre obsessão dos dias atuais de estar sempre adequado ao olhar do outro.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BEZERRA, Arthur Coelho. **Os reflexos do grande irmão no admirável espelho novo de Black Mirror**. 2011, Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: <<https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/03/ArthurBezerra-B.pdf>>. Acesso em: 18/08/2020.
- BROOKER, Charlie. **Nosedive, Black Mirror**. 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.
- ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: **Psicologia do Vestir**. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.
- FIORINDO, P. P. Ethos: um percurso da Retórica à Análise do Discurso. **Revista Pandora Brasil: O ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem**. 2012.
- HEINE, Palmira Virgínia Bahia. **Processos de construção do Ethos em blogs de pré-universitários e universitários**. Rio de Janeiro: Publit, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Trad. Sírio Possenti (Orgs. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva). Curitiba: Criar, 2006.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, Ruth (Org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- OLIVEIRA, Sandra Ramalho E. **Moda também é texto**. São Paulo: Rosari, 2007.